

Brasil já saturou a paciência do mundo

Tese de que ajuste é impossível reforça a crescente exasperação internacional com o País

PAULO SOTERO

Correspondente

WASHINGTON — Se o objetivo do ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, nas conversas que manteve em Washington com autoridades como Michel Camdessus e Loyd Bentsen na semana passada, era reduzir as já modestas expectativas que existiam na capital americana sobre as chances de o Brasil vencer logo a instabilidade econômica, sua visita foi um êxito.

A vigorosa defesa de um ajuste fiscal drástico e imediato, feita pelo ministro em declarações públicas e nos encontros a portas fechadas, não dissipou o pessimismo que o Brasil suscita hoje nos gabinetes oficiais, nem provocou manifestações de simpatia.

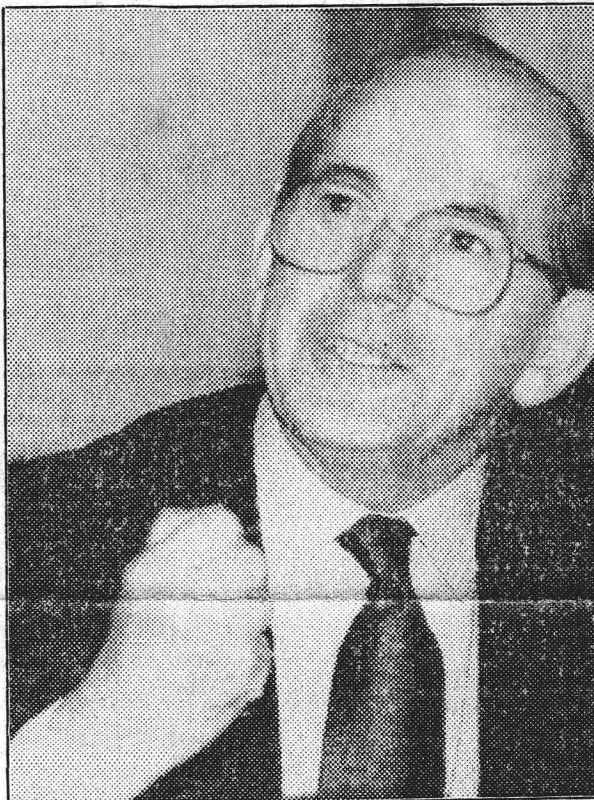
Isso não é necessariamente ruim, se Cardoso estiver correto em seus cálculos e conseguir mobilizar o apoio político para executar o programa de estabilização que tem em mente. Mas há, na intensidade do ceticismo que existe hoje em Washington em relação ao País, algo novo e simbólico da atitude do mundo diante da crise brasileira.

De fracasso em fracasso, o Brasil perdeu a credibilidade e esgotou todas as reservas de paciência do mundo. Em suma, enchemos o saco do mundo. Agora, teremos que sair sozinhos do buraco que cavamos para nós mesmos.

Esse sentimento nunca ficou tão evidente como nas últimas semanas, depois que a equipe econômica tentou uma negociação política para finalizar o acordo da dívida externa.

A teoria por trás da manobra era que o Tesouro americano e o Fundo Monetário Internacional, os dois avalistas da operação, teriam a sofisticação necessária para apoiar uma solução intermediária (que dispensaria um acordo formal com o FMI), porque ela reforçaria a posição de Cardoso para fazer o mil vezes adiado ajuste fiscal. Não foi o que aconteceu.

Por respeitado que seja, pessoalmente, nos gabinetes oficiais de Washington, o ministro da Fazenda foi



Nem apoio de Michel Camdessus foi suficiente



Lozada: "Se Bolívia conseguiu, Brasil consegue"

informado que, primeiro, terá de fazer o que sabe que tem de fazer para quebrar a espinha dorsal da inflação. O prazo para o fechamento do acordo com os bancos foi prorrogado por três meses e chegamos onde estamos.

Se o País deixar de tomar o remédio amargo do ajuste das contas públicas, prescrito por Cardoso, e preferir continuar avançando na direção do despenhadeiro da hiperinflação, não será impedido. Já há mesmo, entre altos funcionários de governos de países industrializados e de organismos internacionais quem tema que a "democratização da hiperinflação", uma realidade diária para os 65 milhões de brasileiros sem acesso a moedas indexadas, seja uma etapa necessária para vacinar o País contra o vírus da instabilidade.

O argumento da impossibilidade política de um ajuste fiscal no Brasil já não impressiona mais ninguém em Washington. Politicamente im-

possível era o primeiro ministro de Israel, Yitzhak Rabin, dar as mãos ao presidente da Organização para a Libertação da Palestina, Yasser Arafat. Mas o impossível aconteceu no dia 13 do mês passado, nos jardins da Casa Branca.

Aplicada à crise brasileira, a tese da inviabilidade política da estabilização apenas reforça a exasperação dos interlocutores internacionais com o Brasil e sua decisão de forçar o País a cair na real e encarar seu problema mais urgente.

Essa teoria reza que as forças políticas impediriam a aprovação de um programa antiinflacionário a sério porque temem que ele dê certo e seu sucesso altere o quadro das eleições presidenciais em favor de Cardoso. A conclusão lógica desse raciocínio é que o Brasil é um coletivo de débeis mentais masoquistas dispostos a continuar a perder um terço de seu salário para a inflação todo mês só para não prejudicar as carreiras políticas de

meia dúzia de senhores que até hoje contribuíram mais para o problema do que para sua solução. "Isso é um absurdo inaceitável", disse ao **Estado** um dirigente de um banco multilateral.

"A frustração internacional com o Brasil é enorme porque reflete o potencial do País de sair da crise e multiplicar o crescimento sadio do resto da América Latina", observou um alto funcionário do FMI. "Se a Bolívia conseguiu, o Brasil terá também de conseguir", disse o presidente boliviano, Gonzalo Sánchez de Lozada, numa palestra no Banco Interamericano de Desenvolvimento, na quinta-feira, provocando risos na platéia.

Cardoso queixou-se, nos EUA, de que o mundo não reconhece os progressos que o Brasil já fez na privatização e na liberalização do comércio. É verdade. Mas isso só mudará se nas próximas semanas o ministro da Fazenda conseguir provar — por atos, não por palavras — a tese que defendeu em Washington: que os brasileiros estão fartos de viver sob a inflação e prontos a acabar com ela, a sério, de uma vez por todas.

**DEFESA DO
AJUSTE NÃO
DISSIPA
CETICISMO**